

## HISTÓRIAS DE TRANCOSO COMO TRADIÇÃO DE PASSATEMPO

Emanuel da Silva Oliveira

Mestrando em História, pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional – PGH – UFRPE – Campus Recife. Contato: [emanuelhistoria2012@gmail.com](mailto:emanuelhistoria2012@gmail.com).

*“A história é o tempo em que aqueles que não têm o direito de ocupar o mesmo lugar podem ocupar a mesma imagem”.*

- Jacques Rancière<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

“História de Trancoso” é um termo ênico utilizado em boa parte do Nordeste brasileiro para referir-se a contos da literatura oral, incluso no que convencionou-se chamar de cultura popular. Essas narrativas foram ao longo dos anos tomando forma de práticas recreativas, entendidas na tradição como passatempo tanto no âmbito da vida privada familiar quanto em alguns espaços coletivos. Esse trabalho tem o intuito de descrever e analisar a tradição oral de passatempo do contar Histórias de Trancoso fazendo-se uso de um recorte amplo de busca dos vestígios históricos do objeto, para compreendermos essas práticas culturais na zona rural do município de Caetés-PE e seu entorno<sup>2</sup>. Esta pesquisa metodologicamente, trata a tradição por meio de memórias de meados do século XX até a década final deste.

Para a realização do trabalho foi utilizado o método da História Oral, no forjar do documento e seu tratamento a partir das entrevistas semiestruturadas e abertas aos sujeitos na área de estudo, partindo da metodologia do paradigma qualitativo/interpretativo, e o método exploratório de campo. Fazendo-se uso da hermenêutica como propôs Paul Ricoeur (2007) com sua crítica a fenomenologia e ao estruturalismo compreendendo que

---

<sup>1</sup> RANCIERE, J. **Figuras da história**. Trad. Fernando Santos. – 1.ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2018.

<sup>2</sup> Este trabalho foi primeiramente pensado como capítulo de TCC: OLIVEIRA, Emanuel da Silva. **O imaginário dos “contos e histórias de Trancoso”: um estudo da origem portuguesa e da tradição oral no município de caetés zona rural nordestina**. 2017, p.59 (Graduação em História) – Universidade de Pernambuco, Garanhuns, Pernambuco. 2017. Contudo, se encontra em desenvolvimento sofrendo assim diversas alterações e atualizações até essa presente intenção de divulgação científica.

há racionalismos no plural e não no singular, permitindo fazermos assim uma História Cultural com domínio em História Rural.

A tradição do narrar Histórias de Trancoso no Nordeste, foi passada durante alguns séculos de geração em geração. Ocorrendo geralmente em diversos espaços rurais ou semiurbanos, que constituísse o agrupamento de pessoas, que aqui chamamos de “Comunidades Narrativas”. Entendendo-se por Comunidade Narrativa o conceito utilizado por Frâncico Assis de Sousa Lima (1985), que conclui que são comunidades rurais no qual as relações sociais se dão por parentesco, compadrio, vizinhança uma vivência comunitária, que favorece a prática do conto como prática social.

A realização desse trabalho só foi possível graças ao uso metodológico da História Oral no que concerne ao tratar e forjar das fontes históricas. Se utiliza aqui os preceitos defendidos por Alberti (2004) e Ferreira e Amado (2006). A História Oral como metodologia estabelece e ordena os procedimentos de trabalho, intermediando entre a prática e a teoria. Coordenando os diversos tipos de entrevistas, implicações, transcrições, depoimentos, vantagens, desvantagens, maneiras de interação com o entrevistado e influência disso sobre o trabalho (FERREIRA, 2012, p.169-170).

As entrevistas sendo realizadas na especificidade de tradição oral. Para Julie Cruikshank (2006, p.151), o termo “tradição oral” continua ambíguo, pode identificar um conjunto de bens materiais preservados do passado, ou o processo pelo qual a informação é transmitida de uma geração à seguinte. Está longe de ser “explicações diretas as tradições orais revelam a capacidade dos seres humanos de pensar simbolicamente seus problemas complexos. A vida real é cheia de contradições, e os mitos nos dão meios de lidar com um mundo crivado de tais contradições” (CRUIKSHANK, 2006, p.153).

Durante muitos anos esse objeto era restrito as pesquisas apenas de folclorista que buscavam fenômenos amenizados em sua pulsão pelo tempo, objetos que causam fascínio pelo imaginário do que jaz existira, e não mais se sustenta por si só dentro da realidade histórica do tempo presente. Esse modelo de perceber o antiquário, como essência do que foi, uma invenção do que era uma época passada e não como fenômeno de mudanças, por muito tempo serviu de base para invisibilizar as produções acadêmicas sobre as culturas populares. Dentro de uma lógica da espera da morte do fenômeno, ou antecipação de sua

própria morte para justificar-se o valor de importância do patrimônio<sup>3</sup>. E assim sendo uma forma de fabricação do folclore e cultura popular como nos aponta Durval Muniz de Albuquerque Jr (2013, p.30).

A tradição de contar Histórias de Trancoso deve ser observada com bastante cuidado para não acabar repetindo chavões folcloristas de morte da cultura, visão que condiz a perceber a cultura como estática, parada no tempo, perspectiva contrária a antropológica de influência fenomenológica, que toma a produção simbólica humana em sua fluidez de mudanças históricas. Prezamos aqui a diferença entre mudanças do objeto no tempo e no espaço e não maniqueísmos como origem e morte.

Deste modo, no primeiro momento são levantadas discussões conceituais sobre o que é o objeto “História de Trancoso” e um pouco de sua trajetória histórica, apontando representações na literatura oficial e literatura de cordel. No segundo, prioriza-se quem são os contadores. E no terceiro a vivência da tradição de passatempo.

## **TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO OBJETO HISTÓRIA DE TRANCOSO**

“Sob a magia do ‘contar’, desafiando a imaginação ao sabor das aventuras, a vida sai vencedora em seu duelo com a morte” (MARIA, 2004). A autora Luiza de Maria ao tratar da importância existencial do contar histórias, nos faz pensar que podemos acrescentar a sua frase poética as instâncias sociais de memória e de identidade dos grupos que os narram. Sendo assim, acrescentadas a estas duas últimas categorias nos remetem ao nosso objeto, as “Histórias de Trancoso”, que são contos de uma tradição oral transmitidas de geração para geração, pertencentes a uma cultura rural nordestina.

Contudo, essa conceituação pouco diz o que realmente seria a tradição, soando demasiado generalista, apontando diversas fraquezas conceituais ao afirmarmos o que é a coisa estudada sem oferecermos uma descrição/análise do fenômeno. Nos levando ao problema conceitual percebido pelo autor de Histórias de Trancoso, Sr. Antônio Trajano da Silva (2018) ao ser indagado, em entrevista, sobre o que para ele são Histórias de

---

<sup>3</sup> Sobre os diferentes tipos de valores atribuídos ao patrimônio recomendo a leitura de MENESES, Ulpiano T.B. O campo do patrimônio cultural - uma revisão de premissas. P. 25-39 (IN) I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural : Sistema Nacional de Patrimônio Cultural : desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão, Ouro Preto/MG, 2009 / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; coordenação, Weber Sutti. -- Brasília, DF : Iphan, 2012.

Trancoso? Respondera: “*Rapaz, é difícil, é difícil porque é uma coisa que quase ninguém sabe, não é? (...) É mais na prática*”<sup>4</sup>”.

Descrever as “Histórias de Trancoso” nos remete a apontarmos suas condições históricas materiais de produção. O ato de narrar histórias é um arquétipo humano de significância explicativa/identitária para a existência do homem e das coisas. Nas relações intrínsecas do indivíduo/sociedade e natureza/cultura, a narrativa de uma história pode tomar as mais diversas significâncias, algumas delas são o exemplo; o medo; o humor; o amor; entre outros, sem falar dos ensinamentos éticos e morais, para a “vida harmoniosa” em sociedade.

Já o termo Trancoso é bem mais recente, surgirá no século XVI, com o português Gonçalo Fernandes Trancoso (1520? - 1585?), escritor que provavelmente vivera em Lisboa, e escrevera sua obra “*Contos e histórias de proveito e exemplo*” que teve sua primeira versão em 1575, com dois capítulos só se encontrando completa com três capítulos em sua edição de 1595. Apesar do baixíssimo índice de alfabetizados a obra se torna bastante popular em Lisboa, entre letrados e iletrados, aponta-se que isso se deu devido o caráter simples e popular dos contos ali escritos. Há quem postule que Trancoso não criara seus contos apenas adquirira da memória popular e condensara na escrita, e assim ocorrendo o fenômeno de atribuição terminológica dos contos a sua figura emblemática<sup>5</sup>.

Na colonização os contos e principalmente o conceito “Trancoso” são trazidos pelos portugueses<sup>6</sup> para a região que se tornará o que conhecemos atualmente como Nordeste brasileiro. São raros os contos que poderíamos afirmar ser de fato de Gonçalo Trancoso tendo em vista que estes contos se modificaram com o tempo e no contato com outros contextos culturais.

Contos com forte teor moral e religioso, tiveram papel fundamental na tentativa de legitimar a dominação portuguesa sobre os povos indígenas, entretanto é comum identificar elementos narrativos nas Histórias de Trancoso que fazem referência à signos da oralidade luso-indígena a exemplo da “Negada” e do “Pai do Mato” imagens que não

---

<sup>4</sup> Antônio Trajano da Silva. Entrevista gravada na cidade de Caetés-PE, no dia 30/10/2018.

<sup>5</sup> OLIVEIRA, E. S. MACHADO, L.S. Trancoso e o lugar da virtude na obra portuguesa do século XVI: “contos e histórias de proveito e exemplo”. **ENTRE MARES**, Garanhuns, N. 1, 39-46, JUN/2019.

<sup>6</sup>[http://acervodigitais.cnfcp.gov.br/Recortes%20de%20Jornais/48883?pesq=História%20de Trancoso](http://acervodigitais.cnfcp.gov.br/Recortes%20de%20Jornais/48883?pesq=História%20de%20Trancoso)

existiam nos contos portugueses, mas que são consolidados nas narrativas atuais no Nordeste brasileiro.

De acordo com Leonardo Silva<sup>7</sup> (2005) o livro do português “em 1710 (...), chegou a ser editada com dois apêndices, um catecismo e um código de urbanidade cristã”. E como sabemos, graças a Câmara Cascudo (2012a, p.96) desde 1618, já se é tratado do termo história de Trancoso nas terras luso-indígenas, na obra Diálogos das grandezas do Brasil, III, “Alviano diz: *‘Isto parece-me dos contos do Trancoso e, como tal, não me persuado a dar-lhe crédito’.*”

De acordo com a historiadora Mary Del Priore (2016, p.365) as Histórias de Trancoso por sua carga de exemplo e moral foram lidas durante muito tempo pelas crianças das elites brasileiras. Como podemos ver na obra, “Menino de Engenho” de José Lins do Rego, trabalho no qual o personagem principal, o menino Carlinhos, considerado como propenso a maldade, não temeroso aos preceitos morais católicos, tem nas Histórias de Trancoso, contadas pela “Mãe Preta”, suas narrativas preferidas. Tanto é que ele “era indiferente aos castigos do céu. Os lobisomens faziam-me mais medo. A minha religião não conhecia os pecados e as penitências. O pavor do inferno, eu confundia com os castigos dos contos de Trancoso” (LINS DO REGO, 2001, p.133). Semelhante ao contador de histórias Zé Rocha que dirá que “*uma reza pode dizer dez, doze vezes, passando cinco ou dez minuto num sei como foi o primeiro pé, viu? História de Trancoso, se contam ela agora, quando for amanhã eu conto ela todinha*” (LIMA,1985, p.25). Diferente do agricultor Abraão André de Moraes, e sua esposa Creuza Carlos de Oliveira, que não vêm nenhum conflito entre a narração dos contos e o ato de fé religioso católico<sup>8</sup>.

Os contos por terem caráter universais carregam também a facilidade de adaptação aos microcosmos dos autores sociais da comunidade narrativa<sup>9</sup>. Como no caso do personagem Carlinhos, que ainda na infância, tendo apenas como *pertença* as Histórias de Trancoso, que se tornaram tão íntimas ao menino, que cada vez mais aquela narrativa

---

<sup>7</sup> SILVA, Leonardo Soares Quirino da. 200 anos de Andersen, 2005. Disponível em: <[http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/literatura/0031\\_05.html](http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/literatura/0031_05.html)> Acesso em: 14 de jul. 2017.

<sup>8</sup> Abraão André de Moraes. Entrevista gravada na comunidade Sítio Pontais, Venturosa-PE, no dia 08/12/2018.

<sup>9</sup> Entendes aqui por Comunidade narrativa o conceito utilizado por Frâncico Assis de Sousa Lima (1985), que conclui que são comunidades rurais no qual as relações sociais se dão por parentesco, compadrio, vizinhança uma vivência comunitária, que favorece a prática do conto.

está descrevendo seu lugar, seu engenho, suas vontades e sonhos, e, por conseguinte, coordenando seu mundo imaginário consciente e inconsciente. Esse sendo um dos atributos do saber da narrativa oral, que facilmente se desprende ao espaço dito “oficial”, se adaptando ao espaço vivido pelo contador de histórias.

Temos nessa obra um personagem que marcará o rancor das mudanças do século XIX, para o XX, nos engenhos nordestinos, sendo posto a defasagem de uma cultura de produção de bastante crédito socioeconômico, mas que não se adapta muito bem a modernidade, que dava seus primeiros passos em direção aos centros urbanos brasileiros. Lins do Rego ao construir a representação do Menino de Engenho, com nuances de um amago autobiográfico, dando voz a todo esse contexto histórico de forma melancólica, a partir do menino que sente essas mudanças ainda na infância, sendo que seguindo a orla da história, Lins é deslocado de vez do seu espaço-social na sua fase adulta. Sendo assim o menino um autorretrato do próprio escritor José Lins do Rego, e não mais apenas um personagem fictício (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1999).

O caso do Menino de Engenho demonstra ainda a proximidade maior dos afrodescendentes no contar Histórias de Trancoso uma vez que a “Mãe Preta” era quem transmitia as histórias e não o personagem branco português. Na definição do *dicionário de folclore para iniciantes* de Mário Souto Maior e Rúbia Lóssio, no qual é dito que as histórias eram contadas “geralmente por pretos velhos, avós e pessoas de idade avançada” (2012). Nos levando a questionar a dominação europeia sobre os contos. Seriam os portugueses letrados muitas vezes apenas conceituadores do objeto ao ouvirem a já vívida tradição oral tanto dos iletrados portugueses quanto dos negros e indígenas?

Raymundo Moraes (1939, p.70), já teria também constatado a influência africana no folclore brasileiro. A partir de algumas histórias contadas no vale do Amazonas, como a história do jabuti e do veado, que é bem provável ter sido vasada das primeiras amas das “crianças civilizadas” da Amazônia, e assim presume-se ser oriunda da África. Nosso argumento ainda é reforçado na literatura de cordel no qual as “amas de leite” também foram representadas como contadoras de Histórias de Trancoso como no cordel “Amarga lembrança da escravidão<sup>10</sup>”:

---

<sup>10</sup>SANTOS, Juvenal Evangelista. Amarga lembrança da escravidão/ Juvenal Evangelista Santos. [S.I. : s.n., 19--] 24p. : 70 estrofes: décimas: 7 sílabas. 1. Escravidão 2. Escravos 3. Política

*“O homem branco açoitava  
O preto da escravidão  
O branco sem coração  
A mãe preta amamentava  
Além de tudo contava  
Muita história de Trancoso  
De sonho misterioso  
Que viu na sua memória  
O passado dessa história  
Foi um mundo tenebroso”*  
(SANTOS,1999, p.14).

Além de que temos os povos indígenas e africanos que carregavam de forma legítima a transmissão oral (FONSECA, 2008, p.30). E assim os contos de Trancoso podem ter sido acoplados como mais uma forma de narrativa indígena e afro-brasileira já que ambos os componentes populacionais possuíam a oralidade como forma de socialização de memórias, ensinamentos, princípios morais e religiosos etc. Como nos dirá o estudioso das lendas *folkloricas* da Amazônia Raymundo Moraes as narrativas amazônicas guardam um sentido infantil ou astucioso, de moralidade ou de vícios (1939, p.70), assim como os contos do Português.

Outra característica comum é a noção de se tratar como histórias fantasiosas, dignas do não crédito de realidade, a história dita de “carochinha”, inverídica, será perpetuada no imaginário popular e relacionada à imagem de forma indireta ao autor Gonçalo Fernandes Trancoso, e diretamente ao termo Trancoso. Perspectiva, já intrincada historicamente as manifestações da narrativa oral popular, que tende a não carregar muito crédito em comparação às narrativas da tradição escrita. Com isso Gonçalo Trancoso, será o escritor a efetivar a tradição oral na escrita portuguesa do século XVI, na direção contrária da concepção de público alvo de leitores europeus. Pois, se antes os escritores eruditos se limitavam a escrever para os próprios nobres e intelectuais, Trancoso faz o caminho contrário, e produz e reproduz histórias provenientes da tradição oral da cultura popular ibérica advindas do Caldeirão Cultural português, africano e árabe. Atingindo um espectro de público variado. Logo, se tornando símbolo dos contos narrados pela cultura popular “folclórica”.

Para tornar as histórias de Trancoso mais simples, podemos observar em uma dupla possibilidade: Primeiramente como uma narrativa ficcional coberta de diversos

elementos do mundo fantástico e da realidade cotidiana dos envolvidos na produção, seguindo uma tradição portuguesa de “exemplos”, os ensinamentos éticos e morais para coerção social principalmente das crianças que eram postas a pensar ou reproduzir o aceitável para o grupo. Já a segunda possibilidade para estas narrativas é carregada de um mundo fantástico, contudo, é posto simplesmente como sinônimo de qualquer narrativa ficcional ou de veracidade bastante duvidosa despreocupada com o “exemplo” e mais interessada na diversão, no passatempo comum, no qual quase todos nós sabemos contar alguma história, por seu caráter mais livre que a anterior.

### **QUEM É O CONTADOR DE HISTÓRIAS?**

“O conto possui portadores. Não há quem administre, senão o próprio público que o tenha cultivado” (LIMA, 1985, p. 55), que o julga e condiz a aceitação das narrativas as prolongando no tecido do tempo das gerações ou as violentando bruscamente com graves modificações ou nem mesmo isso, às deixando consciente ou inconscientemente no ostracismo do esquecimento coletivo. Uma dessas formas de silenciamento é o esquecimento provocado pela censura, que “impede a ação de continuar” (RICOEUR, 2012, p.509), como ocorrido na obra de Gonçalo Fernandes Trancoso em 1575.

Os contadores de ofício conseguiam a fama de exímios narradores de histórias, ao reunirem a comunidade para ouvi-los atentamente com suas miraculosas histórias divertidas, em tom de seriedade. Aqueles que conseguiam o respeito do ouvinte e se propunha a se aglomerar em uma boa roda de histórias com a vizinhança acabam por ganhar fama por toda a região. Como vemos em Alexandre, personagem fictício de Graciliano Ramos (2013), em sua obra, *Histórias de Alexandre*.

Assumir a função social do contador de histórias da comunidade é uma tarefa de resistência a aceleração do tempo provocada pela modernidade capitalista cada vez mais presente nas comunidades rurais, tornando obsoleta a figura e função do tradicional narrador, como podemos compreender em Walter Benjamin (1987). Esta tradição é ameaçada principalmente pela afirmativa da escola Frankfortiana no qual em razão de se tratar de um bem cultural sem fins lucrativos teriam bem mais dificuldades de se

adaptarem e sobreviverem as necessidades da modernidade urbana capitalista (MEDEIROS, 2007).

Essas mudanças de *habitus*<sup>11</sup> atingem o campo de maneira sistemática, transformando a persona do contador de histórias ligada a função social da comunidade narrativa, cada vez mais em um indivíduo moderno. A individualização do sujeito é uma forma de enaltecer a imagem de formação do humano como divino autônomo, não imitando mais a natureza, criando sua própria natureza humana precisamente rompendo com a tradição.

O contador não é remunerado, não é uma profissão, mas como afirma Sousa Lima, é um ofício que exige um saber artesanal, empenho, técnica, estilo, singularidade e talento na repetição (1985, p.54). Uma vez que o contador adquire tais capitais simbólicos, que não são atribuídos facilmente a qualquer um, que não tenha os pré-requisitos de ser geralmente um adulto de meia idade ou acima disso, tendo essencialmente o respeito social da comunidade, auxiliados pela experiência e calma da boa narração performática. Facilitada por alguns já assumirem o papel social do ancião sábio da comunidade.

Há também outra via para os autores<sup>12</sup>, não tão respeitada, mas de fama equivalente, que é a do mentiroso. O contador acaba por se tornar o símbolo da mentira. Como exemplo no nosso campo de pesquisa a região da zona rural do município de Caetés-PE, temos o famoso “Zé Féli”. Que é constantemente invocado pejorativamente ou em forma de sarcasmo, quando alguém conta uma mentira estupefata em tom de seriedade, caracterizado a expressão já famosa: “*cala a boca Zé Féli*”.

Apesar de todo o contexto de dominação masculina evidenciada no *habitus*, que reproduzem inconscientemente, o campo social da tradição oral não estando impune, temos muitas mulheres que conseguiram sobrepor essa dominação. Câmara Cascudo, por

---

<sup>11</sup> O *habitus* é um conjunto de conhecimentos práticos adquiridos ao longo do tempo que permite perceber e agir num universo social. É um saber agir perante a inserção em determinado campo. “Bourdieu fala em ‘sentido do jogo’: o jogador apreende as regras do jogo, mas as regras não preveem o que irá acontecer tampouco como o jogador irá jogar” (BRANDÃO, 2005, p.4)(In) BRANDÃO, Zaia. ALTMANN, Helena. Algumas hipóteses sobre a transformação do *habitus*. - PUC-Rio. 2005. “É o *habitus* que de alguma forma constitui a situação e é a situação que constitui o *habitus*” (BOURDIEU; CHARTIER, 2011, p.63) (In) BOURDIEU, P. CHARTIER, R. **O Sociólogo e o Historiador**. Autêntica. Belo Horizonte. 2011.

<sup>12</sup> DUBAR, Claude. Agente, ator, sujeito, autor: do semelhante ao mesmo. In: Desigualdade e Diversidade: Revista de Ciências Sociais da Puc Rio, no. 3, julho/dezembro, 2008. Categoria utilizada por Paul Ricouer para designar os sujeitos narradores.

exemplo, informou da diversidade de narradores enfatizando as excelentíssimas narradoras:

“a mulher é melhor contadeira de histórias que o homem. Guarda em maior quantidade porque lhe cumpre o agasalho dos filhos e a tarefa de adormecê-los, entretendo-os com o maravilhoso. Os irmãos Grimm fizeram sua coleção admirável ouvindo as velhas, as “tias” da tradição oral portuguesa, as bás, e mães-pretas do Brasil” (CASCUDO, 2014, p.12).

A narrativa de Totonha, ama de Carlinhos o menino de engenho, nos traz detalhes típicos da imagem da mulher como grande contadora de Histórias de Trancoso. Como Lins do Rego descreveu:

As suas histórias para mim valiam tudo. Ela também sabia escolher o seu auditório. Não gostava de contar para o primo Silvino, porque ele se punha a tagarelar no meio das narrativas. Eu ficava calado, quieto, diante dela. Para este seu ouvinte a velha Totonha não conhecia cansaço. Repetia, contava mais uma, entrava por uma perna de pinto e saía por uma perna de pato, sempre com aquele seu sorriso de avó de gravura dos livros de história. E as suas lendas eram suas, ninguém sabia contar como ela. Havia uma nota pessoal nas modulações de sua voz e uma expressão de humanidade nos reis e nas rainhas dos seus contos. (...) Tinha uma memória de prodígio. Recitava contos inteiros em versos, intercalando de vez em quando pedaços de prosa, como notas explicativas. (...) a velha Totonha declamava com uma expressão de dor de arrear (LINS DO REGO, 2001, p.64).

Esse lugar da família e do privado a privilegiou para a narrativa. No entanto, privou da fama e importância no campo social das Histórias de Trancoso, que por sua vez, quanto menos particular o espaço menos voz ela teria. Pois, se trata da “*Mulher de Fulano*”, sendo controvertida discursivamente como propriedade de seu marido, quase sempre sem direito a palavra, pois como é comum ser reproduzido “o lugar da mulher é na cozinha”. Restando apenas manter seu domínio no âmbito privado, consistindo na responsabilidade do entretenimento noturno e a educação moral de seus filhos. Podemos tomar como exemplo Cesária, mulher de Alexandre que tem o papel secundário na obra de Graciliano Ramos (2013), servindo apenas para confirmar suas “histórias cabeludas”.

Contudo, é notável a singularidade das mulheres que ultrapassam o silenciamento de gênero na comunidade e se tornam grandes protetoras das narrativas, como temos exemplo da Dona Noêmia do município de Água Nova, do Rio Grande do Norte, que carregara as práticas de *rezadeira*, conselheira dos mais jovens, e conseqüentemente, em forma bem humorada tinha a fama de mentirosa da região, contando histórias engraçadas e dependendo da ocasião não se negava contar boas piadas, levando suas histórias consigo, nos diferentes espaços possíveis (BEZERRA, 2011).

Isaura Grilo é outro exemplo, mulher cabocla/indígena, mãe abandonada pelo marido e posteriormente pelo único filho, rezadeira, contadora de histórias e moradora do Vale do São José – Caetés-PE, principal campo na presente pesquisa. Assim como nos relata a costureira e professora Iranete Teixeira<sup>13</sup> nos revelando memórias de sua infância no qual fugia de casa junto com suas irmãs mais velhas para a casa de Isaura para poderem se deliciarem com as histórias que a “cabocla” contava, as crianças arriscavam serem castigadas por seus pais que não as deixavam sair sozinhas de casa apenas pelo desejo de desfrutar do mundo fantástico das narrativas.

Semelhante a Isaura, uma outra famosa rezadeira e contadora de histórias de Trancoso chamada Maria de Lúcio moradora do Sítio Riachão - São Bento do Una-PE, foi responsável pelo aprendizado da maioria dos contos de Trancoso adquirido pelo já citado Abraão André de Moraes (2018). Outro exemplo de contadora é Dona Júlia, de descendência portuguesa, apontada como uma mulher misteriosa, mística parteira e rezadeira do Grotão – Venturosa-PE, que de acordo com Marinalva Neves de Oliveira Moraes (2019) e seu irmão José Neves de Oliveira (2019), além de ter sido contadora de Histórias de Trancoso, era envolta de magia para ver coisas que os outros não viam, prever catástrofes e proteger as pessoas do mal<sup>14</sup>.

## **VIVÊNCIA DA TRADIÇÃO**

Se tratando da tradição oral, de geração para geração, as histórias foram passadas pelo contar familiar dos pais ou avós, que durante a noite, contavam as histórias como diversão de passatempo ou para botarem as crianças para dormir. Apesar de não se restringirem a noite, eram inoportunas ao dia, pois, durante a noite ganhavam vida, e os contadores se viam autorizados diante do mistério que o escuro traz e não mais correndo o risco de “criar rabo<sup>15</sup>” por estarem tratando do universo fantástico da mentira.

---

<sup>13</sup> Iranete Gomes Teixeira. Entrevista realizada no município de Caetés-PE, no dia 10/04/2019

<sup>14</sup> Marinalva Neves de Oliveira Moraes. Entrevista gravada na comunidade Grotão, Venturosa-PE, no dia 02/01/2019. José Neves de Oliveira. Entrevista gravada na comunidade Grotão, Venturosa-PE, no dia 02/01/2019.

<sup>15</sup> Expressão usada como forma de evitar que as histórias sejam contadas durante o dia. Sua explicação é bastante misteriosa, podendo ser uma justificativa/resposta as crianças que importunava os adultos durante o trabalho cotidiano para serem contadas as histórias de Trancoso. Ainda relacionada ao trabalho podemos pensar ter uma raiz no período de escravização dos negros com a prerrogativa de “conversar menos e

A comunidade narrativa proporcionava uma não-formalização na ocasião e no espaço para contar. Qualquer reunião rural não muito agitada – como os sambas de cocô de Manuel Leonardo<sup>16</sup> que nos relata que “*não dava tempo*” (2018) devido a freneticidade da festa – poderia significar um lugar oportuno para passarem o tempo contando histórias. Fora do âmbito restrito das famílias, os locais que ocorriam/ocorrem, a disseminação das histórias de Trancoso são, todavia, espaços que remetem ao trabalho grupal, como Casas de Farinha, os mais variados trabalhos da roça principalmente se tratando de algum serviço de “adimão” (os adjuntos), “dibuadas” de feijão entre outros. Além dos espaços místicos cristãos como em sentinelas, funerais, nos “terços religiosos”, antes ou depois das missas. Se tratando do bom e velho entretenimento, as histórias eram contadas constantemente no âmbito de encontros sociais.

*Então nas beira de fogueira, nas dibuia de feijão, nas dibuia de fava, nas dibuia de milho, nos encontro dos amigos quando se reunia, sempre saia uma historinha de Trancoso pra entreter. Era o divertimento daquela época, não tinha outro divertimento. Então essas histórias era o que fazia se alegrar as pessoas, as crianças ficavam com medo daquelas história de assombração, e assim a gente vinha tirano o tempo (BRITO, 2008).*

Parafraseando Adonias Paz de Oliveira (2017), qualquer lugar onde se juntava aquela turminha já era prática comum começarem a contar as Histórias de Trancoso. As casas de farinha estavam longe de consistirem apenas como pontos de trabalho, sendo assim lugares de farra e entretenimento. No relato de Dona Helena<sup>17</sup>, as pessoas se reuniam durante dois dias na casa de farinha, no primeiro dia rapavam a mandioca e no segundo faziam a farinha. Durante esse tempo as pessoas bebiam, jogavam, contavam histórias de causos, de Trancoso, sendo um evento social que apesar de trabalhoso era um dos importantes momentos de encontros de boa parte da família e com os vizinhos nos famosos trabalhos em ademãos<sup>18</sup>.

---

trabalhar mais”. Como podemos presumir algo de caráter mais simbólico como o que nos aponta a filosofia de Bachelard com o lado noturno da alma (CARVALHO, 2013).

<sup>16</sup> Manuel Leonardo. Entrevista gravada na comunidade Sítio Marias Pretas, de Caetés-PE, no dia 11/10/2018.

<sup>17</sup> Arquivo de memória pessoal.

<sup>18</sup> os adjuntos ou ademãos consistem nas junções dos moradores locais em torno de uma feitoria de trabalho, geralmente na roça, para produzir tarefas comunitárias e gratuitas, onde se reunia boa parte dos homens da localidade, tendo em vista o bem comum e a ajuda ao próximo. Se tratando de um contrato social vigente, a recusa de ajuda sem justificativa é considerada uma ação antiética de desconsideração da amizade, ou mesmo social, com todo o grupo, gerando assim inimizades. Essa prática é efetuada em clima de festa, onde sempre há muita comida e bebida oferecida pelo dono da casa e sua mulher, aos trabalhadores em forma de retribuição pela ajuda. Além do dono da casa ficar em dívida social de participar de adjuntos a qualquer um dos que participaram em sua propriedade.

Até os anos 1980, estes eram espaços de grande sociabilidade comunitária. Apesar de que o Nordeste não fica à parte do fenômeno conceituado por Milton Santos (2000), de desterritorialização do trabalhador camponês que frente à agroindústria. Este que no modelo de mercado neoliberal força a concorrência da agricultura familiar em “livre mercado” (que na prática é monopolista), contra as grandes indústrias latifundiárias, que acabam por adquirir as terras do pequeno produtor que só resta se tornar “boia fria” nas fazendas, canaviais, ou mesmo nas próprias terras que lhes pertenceu de herança e agora são expropriadas pela agroindústria. Quando não, são forçados a ir buscar morada nas cidades, contradizendo totalmente suas identidades.

Vale salientar que na área de estudo ocorreu um fenômeno paralelo ao da “agroindústria”, por consequência das prolongadas secas houve êxodos rurais, onde muitas das pequenas propriedades daqueles que saíram para a cidade foram incorporadas a terrenos de grandes fazendeiros nessa região. É importante evidenciar que nesse contexto, onde geralmente se atenta em profundidade para as dinâmicas do trabalho se negligência os contextos de lazer e divertimento e as estratégias de recreação como “fuga” para os cenários de tensão social existentes no contexto do século XX.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A tradição oral de Histórias de Trancoso configura uma forma de narrativa polissêmica, nesse caso evidência entre, outras coisas um âmbito de lazer e divertimento em um contexto histórico geralmente lembrado na historiografia oficial pelas dinâmicas de trabalho. Faz parte ainda do que é comumente chamado de cultura popular que passa por diversas transformações frente a modernidade urbana que aqui pretendeu-se representar de 1950-1990. Esta tradição como lazer, como uma forma de passatempo, veio perdendo a prática com o advento da modernidade da zona rural do Nordeste, sobretudo com a chegada da luz elétrica, isso mencionando especificamente o caso da zona rural do município de Caetés-PE. As histórias de Trancoso não se encerram dentro de um único recorte, fazendo parte da produção simbólica dos moradores rurais dos

---

interiores que resistem como tantas outras manifestações culturais invisibilizadas por estarem distantes do lugar de poder legitimador do discurso cultural.

## **FONTES ORAIS**

Abraão André de Moraes. Entrevista gravada na comunidade Sítio Pontais, Venturosa-PE, no dia 08/12/2018.

Antônio Trajano da Silva. Entrevista gravada na cidade de Caetés-PE, no dia 30/10/2018

Iranete Gomes Teixeira. Entrevista realizada no município de Caetés-PE, no dia 10/04/2019

José Neves de Oliveira. Entrevista gravada na comunidade Grotão, Venturosa-PE, no dia 02/01/2019.

Manuel Leonardo. Entrevista gravada na comunidade Sítio Marias Pretas, de Caetés-PE, no dia 11/10/2018.

Marinalva Neves de Oliveira Morais. Entrevista gravada na comunidade Grotão, Venturosa-PE, no dia 02/01/2019.

## **FONTES ESCRITAS E DIGITAIS**

CASCUDO, Luís da Câmara. **CONTOS TRADICIONAIS DO BRASIL**. 1ª edição digital, São Paulo: Global Editora, 2014.

\_\_\_\_\_. **COISAS QUE O POVO DIZ**. 1ª edição digital, São Paulo: Global Editora, 2012a.

\_\_\_\_\_. **HISTÓRIA DOS NOSSOS GESTOS**: Uma pesquisa na mímica do Brasil. 1ª edição digital, São Paulo: Global Editora, 2012b

LINS DO REGO, José. **Menino de engenho**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

RAMOS, Graciliano. **Histórias de Alexandre** [recurso eletrônico] - 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2013.

SANTOS, Juvenal Evangelista. **Amarga lembrança da escravidão**/ Juvenal Evangelista Santos. [S.I. : s.n., 19--] 24p. : 70 estrofes: décimas: 7 sílabas. 1. Escravidão 2. Escravos 3. Política  
governamental. <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%20C7176/60810?pesq=História%20de%20Trancoso>

SILVA, Leonardo Soares Quirino da. 200 anos de Andersen, 2005. Disponível em: <[http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/literatura/0031\\_05.html](http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/literatura/0031_05.html)> Acesso em: 14 de jul. 2017.

OLIVEIRA, E. S. MACHADO, L.S. Trancoso e o lugar da virtude na obra portuguesa do século XVI: “contos e histórias de proveito e exemplo”. **ENTRE MARES**, Garanhuns, N. 1, 39-46, JUN/2019.

### **FONTES AUDIOVISUAL**

ESTÓRIAS DE TRANCOSO. Direção: Anyelle Brito. Sítio Malhada: Verde Vida, 2008.  
660min. Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=QtYM6MHjhzk&itct=CBAQpDAYACITCImpxryfitYCFZfXnAodYY8BMjlHcmV>“link”. Acesso em: 12 fevereiro de 2016.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A Feira dos Mitos: A fabricação do folclore da cultura popular (Nordeste 1920-1950)**. São Paulo: Intermeios, 2013.

\_\_\_\_\_. O Engenheiro de meninos: literatura e história de gênero em José Lins do Rêgo. **LOCUS: revista de história**. Juiz de Fora, vol. 5, nº1, p.113-126, 1999.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BEZERRA, Keutre Gláudia da Conceição Soares. **No fantástico palco da memória: histórias de Trancoso e construção da identidade na cultura popular**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2011.

CARVALHO, Marcelo de. A fenomenologia da imaginação. (In) **Conhecimento e Devaneio: Gaston Bachelard e Androgenia da Alma**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013, p.141 – 172.

CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. (In) FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína. **Usos e abusos da História Oral**. 8.ed Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. P.149-164.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias da gente brasileira: volume 1: colônia** / Mary del Priore.– São Paulo : LeYa, 2016.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína. **Usos e abusos da História Oral**. 8.ed Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. 304p.

\_\_\_\_\_. História do tempo presente: desafios. **Cultura Vozes**, Petrópolis, v.94, nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000.

\_\_\_\_\_. História oral: velhas questões, novos desafios. (In) CARDOSO, Flamarion. VAINFAS, Ronaldo (org.) **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro. Elsevier, 2012, p.168-186.

FONSECA, J. D. Contribuintes Antigos – Revendo a Caderneta e os Feados. (In) PAULA, B. X. **Educação, História e Cultura da África e Afro-brasileira: teorias e experiências**. Sampa/SP: Ribeirão Gráfica e editora, 2008.

GRILLO, M. A. F. . **Os folhetos nordestinos: literatura e história**. XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA Conhecimento histórico e diálogo social 22 a 26 de julho de 2013. (Apresentação de Trabalho/Simpósio). 2013.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. 26ed. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

LIMA, F. A de Sousa. **Conto Popular e comunidade narrativa**. Rio de Janeiro: Funarte/instituto nacional do folclore 1985, 286p.

MAIOR, Mário Souto; LÓSSIO, Rúbia. Dicionário de folclore para estudantes. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, ed. Massangana, 2012.

MARIA, Luzia de. **O que é conto**. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção primeiros passos; 135) 1ª reimpr. da 4. ed. de 1992.

MEDEIROS, Roseane Borges de. **Para uma compreensão da cultura popular na teoria marxista**. Recife: Ed. Do Autor, 2007.

MORAES, Raymundo. As Lendas. \_\_\_\_\_. **Na Planície Amazônica**. 5ª edição. Recife: Companhia Editora Nacional. 1939. P.69-77.

RICOUER, P. **Memória, História e Esquecimento**. Tradução: Alain François [et al]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

SILVA, René Marc da Costa. **Cultura Popular e Educação: Salto para o futuro**. Brasília: TV Escola/SEED/MEC. 2008.